

DO GRANDE CANSAÇO DE TER SEMPRE VIVIDO EM ESTADO PASSIONAL

Danilo Gomes

«Sou tarde de chuva
nas esquinas molhadas.»

(DIRCEU QUINTANILHA)

Um dia estarei muito velho e muito mais cansado que hoje, muito mais magro e solitário que agora. Serei um velho quieto, sentado à porta de uma casa, com um gasto cachecol preto de lã, tomando sol como um gato-velho-triste-ruço-magro-sem nome. Serei um velho muito quieto, muito silencioso, brancos os cabelos, macerada a pele, olheiras muito fundas como as dos pastores da insônia ou como as dos capitães de fragata que passaram toda a vida a contemplar oceanos.

Ninguém tomará conhecimento de mim ou me perguntará o porquê do degredo com o cachecol de lã preta. O carteiro já sabe que nunca há cartas para o velho, nem telegramas nem encomendas a receber no *colis postaux*. As crianças me olharão como a um estranho macróbio que se esqueceu de morrer: terei os olhos ainda atentos mas sem nenhum fulgor, como dois faróis que se vão apagando na gávea de um brigue cansado.

Um dia ou outro alguém me dirá «bom dia» ou «boa tarde» — alguém cuja ligação comigo será apenas a irmandade das gerações remanescentes. Responderei «bom dia» ou «boa tarde» com a voz rouca como um violão empoeirado.

Serei um velho muito quieto, gris como um velho coelho gris sem forças para pular e correr, sempre com um cachecol de lã preta e nenhum desejo senão acabar de cumprir um destino.

Vendo flores, pensarei: «Fui, como ervas, e não me arrancaram», e olharei novamente para o fim da rua como quem olha para um trator parado ou um monte de lenha verde.

As emoções estarão todas sepultadas, antes do meu corpo de árvore antiga com lianas. De tanto sofrer, todas as reservas de emoção estarão exauridas como uma ânfora sem água, sem mais nenhum tonel sobressalente — apenas, talvez, uma gota, a que seca quando tudo cessa.

Quando for inverno, colocarei um cobertor sobre os ombros e ficarei sentado à porta, mas dentro de casa, os olhos parados nas árvores cujos nomes terei esquecido, e nas nuvens, que não saberei se são cúmulos, nimbos ou estratos, os óculos de tantos graus que já terei perdido a conta.

Terei esquecido a mecânica da leitura e o gosto pelas palavras — só saberei ler no céu quando o tempo estiver por mudar e nas mãos a linha de cada amor vivido e sofrido, mas já sem qualquer encantamento, qualquer sobressalto, qualquer vontade de estreitar nos braços.

Eu mesmo farei meu café e meus chás de reumatismo e insônia. Na casa, nenhum livro, nenhum quadro, nenhuma fotografia, nenhuma vela de libra ou caixa de música, nenhum maço de cigarros dado como lembrança numa noite antiga.

Terei quase cem anos e nenhuma recordação — o cansaço de tanto tê-las sofrido terá exterminado a todas com uma força de terremoto ou cogumelo atômico.

Quando chover, continuarei sentado à porta, mas também dentro de casa. Choverá sempre meses e meses e eu estarei ali vendo a chuva, esquecido de cafés, infusões e abismos de sono, como se alguma coisa, muito no fundo, me fizesse lembrar uma antiga atração pela chuva, como se alguma coisa muito de dentro retivesse meus olhos na pura contemplação da chuva como um destino.

Terei esquecido toda paixão, toda ansiedade e toda esperança, de tanto ter acalentado paixão, ansiedade e esperança. Serei meu

próprio antídoto, meu próprio anjo exterminador com sua espada flamejante como sarça ardente.

Serei mar de sargaços e ilhas de coral, e estarei morrendo.

Passarão cabras na vila, e terei apenas a sensação de que são cabras passando. E crianças cantando, e terei apenas a sensação de que são crianças cantando.

No quarto, ficarei olhando para o teto, meses e meses, imóvel como um banco de pedra, cada vez mais magro e mais cansado, a pele curtida como a de um animal morto pendurado.

Depois ficarei vendo a chama do lampião como se o lampião fosse um enfeite que não devesse estar ali, e estivesse.

Serei seco por dentro como um leite seco de rio, só com uma gota de reserva, sem saber para que servirá.

Um dia, no tempo das novas chuvas de verão, caminharei lentamente para a porta. Ficarei meses e meses vendo o temporal, sem nenhuma ressonância para os relâmpagos e trovoadas. Ficarei, como sempre, muito quieto, muito silencioso, muito cansado de ter vivido entre a paixão e o desespero, entre a procura e o exílio, entre o sonho e o adeus.

A última gota de emoção — e só então saberei por quê estava armazenada como numa adega fria e abandonada — me revelará, de repente, que o fim está próximo como uma libertação. Respirarei com alívio: «Fui, como ervas, e agora me arrancarão».

A contemplação da tempestade por anos e anos fará enregelarem meus ossos, caírem meus dentes, voarem meus cabelos, secarem meus olhos como duas amêndoas secas, esgarçar meu cachecol de lã preta como o que a minha avô tinha e que não encontrei em lugar algum para comprar.

Todos terão partido, toda a vila estará inundada, nenhuma solidão terá sido tão plena de soledade. Estarei cada vez mais leve, sem nenhuma sensação, sem nenhum gosto de abandono na boca do peito, como outrora. Morrerei lentamente, como um esquilo ferido num bosque abandonado.

Já terei mais de cem anos de cansaço de todas as paixões que acumulei como um fardo, de todas as esperanças liquidadas como peças fora do jogo numa partida de xadrez que perdi por xeque-mate.

Irei ficando cada vez mais leve e menos cansado, me sentirei como um fio de chuva, um caniço à beira de um caminho de aldeia, onde um trem passa toda semana, apitando como uma festa. «Fui, como ervas, e agora me arrancarão». Irei virando poeira e mofo, pátina e umidade. As águas entrarão pelos fundos da casa e me carregarão para o meio da rua, e serei água como a água, e chuva como a chuva, e mais nada.

Um dia, entretanto, serei parte do húmus que fará nascer uma rosa amarela no jardim de quem nascer com o rosto igual ao de Licínia.